



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: ENSINO E PRÁTICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE SÃO PAULO, NA CIDADE DE OSASCO

Setembro/2013

Eixo temático: Currículo e Avaliação Educacional
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

GUEDES, Andressa Silva
andressaguedes2009@gmail.com

CNPQ

Pôster. Texto completo.

RESUMO

A pesquisa em estágio inicial de mestrado, que embasa esse artigo, buscará estudar o ensino e prática da literatura no Ensino Médio de escolas estaduais da cidade de Osasco, tomando como amostragem a E.E. Tarsila do Amaral, localizada na periferia, e a E.E. Prof. José Liberatti, no centro da cidade de Osasco. A principal atividade abordada no decorrer da dissertação será a prática pedagógica em relação aos processos educacionais, aprendizagem e inovações, priorizando a motivação do discente em relação à literatura e transposição didática do docente.

Palavras-chave: Ensino Médio. Literatura. Práxis.



A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

A partir do pressuposto de que a pesquisa acadêmica é um trabalho movido por fatos ou fenômenos que provocam inquietude, este artigo tem como objetivo expor a proposta de dissertação que investiga o ensino da literatura com o intuito de repensar sua relação com o real vivido dos alunos de escolas estaduais de Osasco.

Como professora da rede pública estadual de São Paulo, observei ser circular nas escolas o discurso didático sobre a importância do estudo do texto literário a ser trabalhado e vivenciado pelos alunos, porém a práxis ainda permeia a fragmentação de obras literárias da Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, com o objetivo de trabalharem características de escolas/movimentos literários e autores representativos de época, sem nenhuma preocupação com o entendimento dessas pelos jovens leitores. As estratégias de leitura passam por rápida apresentação do texto aos alunos, leitura silenciosa, geralmente com o objetivo de detectar o vocabulário ainda desconhecido pelos aprendizes, perguntas dirigidas à classe (às vezes, de respostas óbvias), levantamento de algumas características específicas do autor, seguidas de outras da escola a que ele se filia e conclusão do texto. Dá-se maior relevância à história da Literatura de Língua Portuguesa do que à análise e discussão literária propriamente dita, o que causa certo distanciamento e até mesmo repúdio aos discentes.

Torres (1997, p. 34), ao analisar as obras de Paulo Freire, discorre que “o grande desafio do educador, é aprender-ensinar a conhecer, a refletir, a dialogar, a interrogar e a agir por nós mesmos, junto com nossos parceiros de profissão.” Assim, reavaliei minhas práxis em sala e iniciei meu projeto de pesquisa de mestrado, ainda em estado inicial, direcionando-me à “ressignificação” do conteúdo tomando por referência os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, suas necessidades e expectativa, identidades e diferenças, atribuindo sentido à experiência escolar, tomando como princípio o artigo 22 da LDB, no qual se define que a educação escolar deve estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social. O artigo ainda defende que compete



à Educação Básica possibilitar uma formação comum, com vistas “ao exercício da cidadania e ao fornecimento dos meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Iniciei meu plano de aula para o Ensino Médio permeando o real vivido de meus alunos e adaptando as aulas para suas necessidades como pessoas em pleno desenvolvimento cidadão. Com as alterações em minhas práticas, consegui despertar o interesse de alguns alunos pela Literatura, fazendo com que compreendessem a importância das obras literárias para o contexto atual, através de releituras ora musicais ora apresentações teatrais apresentadas para a comunidade escolar, nas quais houve a participação de professores de diversas áreas do conhecimento. Os 30% dos alunos que não alcançaram o objetivo estipulado nos projetos me estimularam a dar continuidade em meu projeto de pesquisa, delineando como um dos objetivos específicos da pesquisa a real motivação dos alunos referente ao ensino da Literatura e a transposição da mesma.

Segundo Martins (206, p. 83), “há discussões existentes sobre a inserção da leitura literária na escola, mas o grande desafio de tais reflexões ainda é fornecer subsídios teóricos e metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores”. É fato que encaixar a teoria e a prática não é uma tarefa fácil para os que se encontram no cotidiano das salas de aula do Ensino Médio, mas como motivar os jovens, estudantes das escolas estaduais paulistas, a desenvolver a fruição e compreensão do texto literário?

2 PROBLEMA, OBJETO E OBJETIVO DA PESQUISA

A priori, devemos compreender a Literatura como a arte de criar por meio de linguagem escrita e oral, em verso ou em prosa, obras que obedecem a cânones estéticos. Em restrito, designa o conjunto de produção literária de uma língua, nação e país.

Conforme Zilberman (1991), a denominação *Literatura* significa a manifestação verbal em que se constata uma pretensão artística com efeitos estéticos, define-se, não apenas pelo texto que resulta dessa manifestação, mas também por se destinar a um



determinado público. Este tem, por sua vez, características específicas: pertence a uma faixa etária ainda carente de poder e autonomia; nele, o fator de deter uma condição familiar é marcante e sua relação com o mundo da escola e da introdução não pode ser descartada. Enfim, trata-se de uma pessoa que ainda não ultrapassou uma situação, que apesar de ser transitória e temporária, não deixa de ser importante.

Dessa forma, a Literatura é um setor da produção literária existente que se define por se dirigir a esse público. De acordo com Yunes e Pondé (1988), para penetrarmos no universo da escrita é preciso considerar uma série de fatores, desde a decodificação da linguagem até a sua utilização de maneira criativa e original que rompe com as regras desse código, que é a Literatura.

Conseqüentemente, adentraremos nos primeiros capítulos, ao ensino da Literatura nos primórdios da educação brasileira, nos atendendo ao objetivo específico da pesquisa que propõem rever as práxis da Literatura na sala de aula, buscando a melhoria do ensino tornando a aula de Literatura significativa ao discente.

Os completos PCNs, em códigos e linguagem, expõem que os conhecimentos, de diversas áreas, devem ser articulados entre si, sejam disciplinas ou não. Portanto, o contexto literário deve ser abordado em matérias correlatas, e assim, otimizando a desenvoltura da competência leitora, que é, por conseguinte, essencialmente explorada em toda a educação básica, a priori para o desenvolvimento de uma boa compreensão de qualquer texto.

Mas como inserir a Literatura em um contexto onde o foco primordial é a formação da cidadania e o ingresso no mercado de trabalho? Tais argumentos estão claros em documentos oficiais e discorridos em livros de grandes autores consagrados. Porém, como conciliar salas superlotadas com a leitura literária? E principalmente, como inserir nossos alunos nesse majestoso universo das letras de forma prazerosa e verdadeiramente significativa para a sua prática cidadã? A leitura não deve ser assídua para que a literatura tenha real significado e fruição?

Embasando-se em autores como Cosson (2006), que apresenta a ideia de letramento literário, tem-se a aula de literatura como momento de aprendizagem sobre a estrutura e o funcionamento dos textos artísticos, realizada através da leitura e análise de obras. E Almeida (*s.d.*), que postula a contextualização dos conteúdos como “a arma mais poderosa a favor da transposição didática (p. 39)”, se atentando na linguagem



como mediadora entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar, cabendo ao professor proporcionar aos seus alunos uma aprendizagem sem sofrimento.

Como fora exposto no início deste artigo, uma das formas mais comuns de se tratar a Literatura na escola é delegando-lhe a competência de ensinar a ler ou a transmitir conhecimento. Assim, são considerados bons livros os que privilegiam a repetição de sílabas para o treinamento gráfico ou se opta por livros que ensinem matérias (ciências, história, por exemplo).

Outra maneira utilitária de ver a literatura é procurarem apenas textos que façam o questionamento da sociedade, os que trazem, explícita ou implicitamente, a mensagem da necessidade de transformação das estruturas vigentes.

Segundo Freire (1986), “o livro deve levar a leitura/interpretação que ajude o indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo”. Ainda ao lado das implicações político-sociais do ato de ler, Martins (1982) observa a leitura:

Desde que o ser humano nasce e toma contato com a realidade, começa a fazer uma leitura da vida, por meio dos sentimentos. A leitura adquire um conceito bem amplo – o de conhecimento, interpretação e decifração do código/enigma que é o mundo. Nesse sentido, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e o objetivo primordial desta implica a com a compreensão melhor do mundo. No caso da palavra, o objetivo primordial desta implica a compreensão melhor do mundo. No caso da palavra poética, vamos encontrar, ainda, uma leitura emocional e subjetiva também a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. (MARTINS, 1982, p. 34).

A leitura é essencialmente um ato denso de significações, pois estabelece o diálogo não só entre o leitor e o texto, mas através dele mergulharemos no universo conceitual do outro. Daí a importância de proporcionarmos ao aluno uma pluralidade de discursos, pois será dessa diversidade de vozes que ele constituirá sua própria voz.

Compreende-se que para discorrer sobre a Literatura no Ensino Médio, abordarei em um capítulo da pesquisa o ensino da mesma ao longo da formação do ser, discente, em desenvolvimento.

Citarei autores que permeiam a educação literária no ensino fundamental, como Moreira (1991), que afirma que para ler um livro, é preciso primeiro aprender a ler. Para a autora, o que é necessário, realmente, é, em primeiro lugar, aprender a amar o



livro, mesmo antes da aprendizagem da leitura. Se muitas pessoas jamais leem, embora tenham frequentado regularmente a escola, é porque a leitura não lhes foi apresentada como uma atitude enriquecedora da imaginação e estimuladora as potencialidades espirituais. Em nossos dias, o problema se agrava, porque a leitura, o ato de ler em silêncio, propício à reflexão, sofre a concorrência dos meios eletrônicos de comunicação, mais ágeis e cativantes, mas incapazes de substituir o livro como experiência estética e formadora do pensamento crítico. E, Góes (1984) concebe que a educação literária começa com a mãe cantando ao embalar o berço e narrando velhas histórias que se passam de geração em geração. Mais tarde, entre a imagem e a voz, entrará o livro sem texto. Nesse momento, o ato de folhear livros com ela, contando histórias é de extrema importância. Dentre os diversos materiais, o livro sem texto é um dos indispensáveis para o início da educação literária. Tais autores nos auxiliaram na proposta de adaptar o lúdico na práxis do Ensino Médio na área de códigos e linguagens.

Evidentemente, fica claro que, tanto num caso com no outro, a Literatura é colocada em segundo plano, como se necessariamente ela devesse gerar outra atividade, esta sim importante. Na realidade, a leitura de um texto literário é tratada da mesma forma que a leitura de um texto cuja finalidade é seu estudo quanto aos aspectos de coerência e coesão. O que se procura é atrelar a leitura à escrita.

Devemos, portanto, ressaltar a importância de reservar um espaço considerável das aulas para o manuseio e leitura dos mais diversos livros literários. Cabe lembrar também que o exemplo do professor enquanto leitor, comentando o que lê, fazendo indicações é mais uma forma de seduzir nossos alunos para a leitura tanto no ensino fundamental e principalmente no médio.

Percebemos que essas atividades são lúdicas e proporcionam prazer, estando de acordo com a natureza do brinquedo.

O brinquedo proporciona o aprender e para ser melhor aproveitado é conveniente que proporcione atividades dinâmicas e desafiadoras, que exijam a participação ativa da criança. As situações-problema centradas na manipulação e certas matérias, se estiverem adequadas às necessidades do desenvolvimento da criança, fazem-na crescer através da procura de soluções alternativas. (CUNHA, 1998, p. 8).



Partindo do princípio que o aprendizado das crianças acontece através do exemplo e do significado que atribuem às pessoas, objetos e situações de sua vida familiar cotidiana, acredita-se que um lar altamente significativo quanto à presença de livros e jogos, em síntese, um espaço lúdico, é fundamental para que a criança perceba e assimile o ato de ler como um valor significativo. Este ambiente deve ser também estendido a creches e pré-escolas, uma vez que a criança, convivendo com ele, movida por sua curiosidade, observações e identificação, passará a amar os livros e histórias.

Góes (1984) reforça essa ideia quando diz que as atitudes gratificantes e lúdicas (ou a ausência destas), que preparam a criança para o ato de ler, são as responsáveis pelas realidades: ler – não ler, gostar de ler – não gostar de ler, atitude positiva – atitude negativa; ler mais – ler menos.

Segundo a autora, essas dicotomias poderão ou não persistir ao longo da escolarização frente à leitura. Nesse momento, é que efetivamente deverá entrar a ação do professor, contando histórias, lendo belos textos e ensinando a ler, despertando a curiosidade das crianças pelos misteriosos signos da escrita, abrindo com isso as portas do universo ficcional em que a criança irá penetrar sozinha em ato livre, guiada por suas preferências.

Voltando-se ao lúdico, sabemos ser o jogo uma das principais ações a infância e que é por meio dele que as crianças realizam as múltiplas experiências necessárias ao seu desenvolvimento e adaptação à realidade. Ele é o meio de exploração do mundo sem obrigatoriedade. Ora, a poesia nasceu durante o jogo e enquanto jogo. Portanto, relacionando jogo como atividade literária, a criança explorará as reações emocionais e sensíveis através do lúdico, pois o mundo real, às vezes, pode chocar, sem oportunizar essa exploração de sentimentos e reações, como o permite a fantasia de uma história vivida ou de uma brincadeira. Resumindo, histórias, poesias, permitem um ensaio de comportamento que o perigo em si não possibilita.

Infelizmente, em nossas escolas, as crianças não encontram espaço para o seu “faz de conta”, mas sim para o crescimento intelectual das crianças alterando, assim, a fantasia do mundo infantil não considerando seu pensamento em ação. O que interfere no seu contínuo desenvolvimento, na situação de aprendizagem e prática cidadã, nos ciclos escolares.



Para superar o desequilíbrio que possa resultar desse fato, nada melhor que o livro de literatura infantil, para que se recupere esse espalho de liberdade cercado por práticas autoritárias e inadequadas, práticas estas entendidas quando o prazer de ler é submetido a procedimentos não criativos, e sempre os mesmos, e silêncio imposto desde o início do trabalho ao término.

O estudo, portanto, concerne em pesquisa de campo que se concentrará em conhecer a comunidade escolar e a coleta de dados, com o auxílio de alunos e professores da língua materna, sobre as aulas de literatura através de questionários direcionados. Após a coleta de informações, haverá a observação em relação ao conteúdo e transposição didática do docente na qual responderei minhas três metas específicas: verificação da relação teoria e prática com finalidade de significar a literatura para os alunos; conhecer, através de entrevistas e da análise de documentos os projetos voltados para incentivo à literatura e seus êxitos no decorrer dos últimos dois anos; e verificação da motivação dos alunos ao ensino da Literatura e as práticas dos professores que as lecionam.

A partir do pressuposto de que a pesquisa acadêmica é um trabalho movido por fatos ou fenômenos que provocam inquietude, tecei minha pesquisa preocupada com a relação teoria e prática voltadas para o fazer pedagógico tornando significativa a literatura além de conhecer, através de entrevistas e análise documental, os projetos existentes voltados para incentivo à literatura e seus êxitos no decorrer dos últimos dois anos.

3 METODOLOGIA

Pretendo contribuir com essa pesquisa no auxílio da prática docente de meus colegas, através de uma perspectiva integralmente prática de laboratório e auxílio bibliográfico, idealizando a prática que encontramos nas salas de aula em relação ao ensino da Literatura contíguo à comunidade escolar como despertar os jovens, através da Literatura, a prática cidadã a partir dos valores estéticos e humanos.

Para atingir meus objetivos propostos no tópico anterior, faz-se necessário utilizar o estudo oral, no qual esta pesquisa está segmentada em duas partes: pesquisa

em fontes secundárias (bibliografia) e levantamento através de entrevistas direcionadas aos educandos e professores de Literatura. Em relação à primeira, far-se-á uma revisão bibliográfica, com a finalidade de se conseguir a atualização do tema pesquisado, pois considera-se a pesquisa bibliográfica como base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é uma constante na vida de quem se propõe a estudar.

Segundo Fachin (1993, p. 102),

A pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. (FACHIN, 1993, p. 102).

A pesquisa bibliográfica será embasada em material já publicado pertinente ao tema, para formar uma visão conceitual, com aspectos práticos de utilização e domínio dos elementos em questão.

Em relação a segunda parte da pesquisa, o levantamento, este será realizado junto aos alunos do Ensino Médio do curso noturno nas escolas já citadas. Neste sentido, Gil (1996) destaca que as pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas, cujo comportamento se deseja conhecer, o que permite o conhecimento direto da realidade.

Logo, com base na comparação entre os dados teóricos e práticos, é possível desenvolver um modelo que permita ao leitor uma interpretação clara e objetiva, de acordo com os objetivos a que este estudo se destina.

O método utilizado para coleta de dados será a entrevista oral com o auxílio de arquivo gravado em áudio, transposição literal da entrevista ou texto final, transcrito e autorizado pelos entrevistados. As entrevistas e observações utilizadas como técnicas para coleta de dados, ao mesmo tempo em que valorizam a presença do investigador, também dão espaço para que o sujeito investigado tenha liberdade de participar e enriquecer a investigação.

Após a coleta de dados, Lakatos e Marconi (2007) sugerem a classificação dos mesmos de forma sistemática através de seleção (exames minucioso dos dados), codificação (técnica operacional de categorização) e tabulação (disposição dos dados de



forma a verificar as inter-relações). Esta classificação possibilita maior clareza e organização à última etapa desta pesquisa, que é a elaboração do texto da dissertação.

Consequentemente, haverá a passagem do código oral para o escrito, levando em conta fatores como a relevância social da pesquisa, a exequibilidade na abrangência das entrevistas, local e tempo, o diálogo com a comunidade que gerou as entrevistas.

Como professora, compreendo que, assim como na sala de aula, o tempo deve ser administrado com cautela, nos adaptando a possíveis alterações abruptas no decorrer de nossas atividades. Portanto, exponho em meu cronograma uma intensa pesquisa documental para obtenção de elementos teóricos e estruturação contínua da dissertação de mestrado e revisão da mesma. Antevjo minha qualificação para defesa do projeto três meses antecedente à data do término do curso.

4 HIPÓTESE

Em síntese, compreende-se que a Literatura nasceu, desenvolveu e cresceu com o homem. Com isso, aprendeu a criar disponibilidade para seu próprio conhecimento - ele descobriu e cultivou seus valores, fazendo-se admirado e respeitado. Portanto, alicerçando-me nas observações do comportamento das comunidades já citadas e na postura dos mesmos em relação à Literatura, à importância do ensino da Literatura, pretende-se constatar que o desinteresse dos alunos está permeado na má transposição didática do docente. Pretende-se ainda propor caminhos para desenvolver o interesse dos mesmos tornando a literatura libertadora e formadora de mudanças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. P. **Transposição didática**: por onde começar? São Paulo: Cortez.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: SE/CENP, 1988.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.



FACHIN, O. **Fundamentos da Metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GÓES, L. P. Bebês, crianças pequenas e livros. **Jornal da Alfabetizadora**. Porto Alegre: Kuaraup, 1991.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. Referências bibliográficas. In: **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUZEN, C; MEDONÇA, M. (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 83-97.

MARTINS, M. H. **O que é literatura?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

YUNES, E; PONDÉ, G. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. da. (Orgs.). **Literatura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 20/08/2012

<http://portal.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu2305.htm>. Acesso em: 08/09/2012